

Esboço mastofaunístico do Território do Rio Branco

por

Cory T. de Carvalho*

(Recibido para publicação a 14 de outubro de 1960)

Ocupa o Território Federal do Rio Branco, grande parte do extremo norte do Brasil, em uma área de cerca de 230.000 km². O seu aspeto é de uma vasta planície, interrompida vez por outra por montanhas de altitudes e formas variáveis, desde o simples morro isolado até o compacto maciço ou cadeia. Entre os últimos, destacamos o amplo rebordo montanhoso na fronteira setentrional, culminado ao oriente pelo monte Roraima, um dos divisores com os países limítrofes; ao ocidente ha uma série de elevações menores, cobertas em sua maior extensão por matas, as quias se estendem através a Venezuela. Nesta área montanhosa, predomina a indústria extrativa mineral, ou seja, o garimpo, havendo contudo criação de gado em pequena escala.

Outra feição interessante dessa região é a existência de dois tipos extremos de habitats, com respectivas faunas próprias. Um deles, ao norte do Território, entre a zona montanhosa e a hiléia, é um extenso campo, com formações vegetais abertas as vezes mais exuberantes, formando manchas devido a presença de caimbé, murici, etc. (*Curatella americana* e *Byrsonima* spp.) outras menos, somente com gramíneas ou ciperáceas. Nêles, mantem os naturais desde fins do século XVIII, os seus rebanhos bovinos, principal fonte de renda territorial. Esses campos naturais ou "lavrados", na denominação local, espraiam-se através de grande parte na zona montanhosa, e contornam-na através a Guiana Inglesa e a Venezuela, envolvendo-a pelo nascente. Nêles, podemos encontrar elevações ou morros florestados e as "baixas", isto é, regiões menos permeáveis, de solo humoso, com pequenos cursos d' água e caracterizados pela presença de buritis (*Mauritia flexuosa*) O material coletado nesta área está rotulado na coleção aqui estudada como procedente do município de Boa Vista, ou simplesmente Boa Vista.

* Departamento de Zoología da Secretaria de Agricultura, São Paulo, Brasil.

Ao sul da área campestre acima descrita, existe a zona florestada, em ambos os lados da vasta rêde de afluentes do rio Branco (= Keceune), abaixo dos principais divisores, que são ao ocidente o rio Mucajay (= Kaianna), que corre do poente para o nascente, também dividindo os municípios e, ao oriente o rio Cuitauaú, com direção inversa. Essa mata contudo, difere nitidamente em aspeto da mata amazônica típica, constituindo talvez uma flora de transição, após a qual realmente se ligue a hiléia abaixo das quedas de Caracarai no rio principal, onde forma um verdadeiro batente em desnível abrupto de terreno. Dessa região intermediária, denominada município de Caracarai, são os espécimes abatidos na margem direita do baixo rio Mucajai, onde fizemos coleta na zona de mata.

Sobre a fauna regional, temos a lista de nomes populares de autoria de F. R. Sampaio (copia em apêndice) quando Ouvidor e Intendente Geral da Capitania de São Joseph do Rio Negro, e enviada ao Conselho Ultramarino.

Após esta lista de nomes, veio com função de informante dos recursos naturais da colônia à Coroa de Portugal, Alexandre Rodrigues Ferreira. Este, de maio a agosto de 1786 percorreu o rio Branco, da foz aos principais formadores, os rios Tacutú e Urariquera, além de permanecer ainda algum tempo junto ao forte de S. Joaquim, colecionando para o Real Museu da Ajuda, em Lisboa. Esta coleção, juntamente com as dos rios Negro e Madeira, após perdas e trocas de números e rótulos no referido Gabinete, foi esquecida assim como os manuscritos e pranchas. Quando da invasão de Portugal por Junot, parte dela foi removida para o Museu de Paris em 1808, por E. Geoffroy de Saint-Hilaire.

Também Johann Natterer, visitou a região anteriormente percorrida por A. R. Ferreira, de setembro de 1831 a julho de 1832, enviando por sua vez exemplares e notas ao Museu de Viena. Entretanto, como o autor acima faleceu pouco depois de seu regresso a Europa. Foi êle entretanto pouco mais feliz pois seus manuscritos foram revistos e publicados por PELZELN (7) seu patrício, e em parte seu material trabalhado por A. Wagner (em partes), de quem era Natterer ativo colaborador.

Colecionamos na região do baixo rio Mucajai de fevereiro a início de março de 1959, na qualidade de pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas de Amazônia, lotado no Museu Paraense Emilio Goeldi, onde se encontram as coleções reunidas na viagem. Fomos acompanhados pelos auxiliares Manoel Sobreiro do Amaral e Mozart Melo, respectivamente do Museu Goeldi e Instituto da Amazônia.

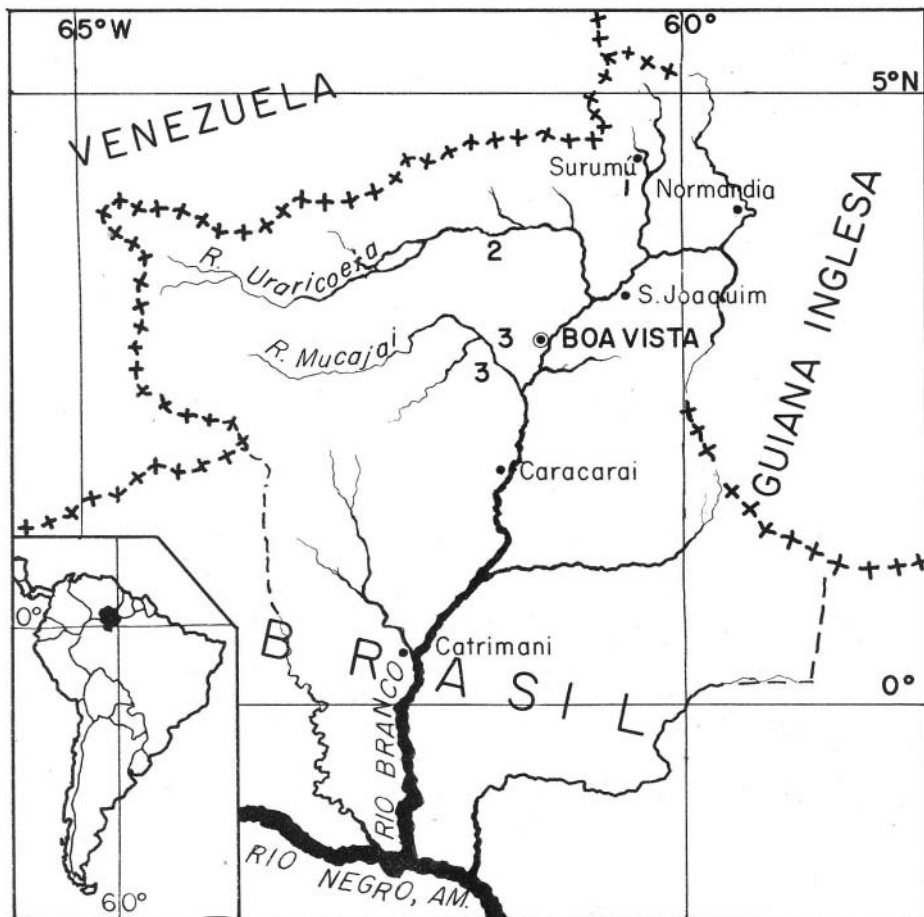


Fig. 1 — O Território do Rio Branco, com principais pontos (cidades, vilas e forte) assinalados a direita, e com locais de coleta: 1. Tipografia; 2. Santana e 3. Poção e Tuapara, nas margens do rio Mucajai (no mapa).

LOCALIDADES DE COLETA

Bacabal: uma "baixa" ao norte da sede da fazenda do Poção, na margem esquerda do baixo rio Mucajái.

Igarapé da Pratinha: um córrego na fazenda da Pratinha, na margem esquerda do mesmo rio, pouco acima do anterior.

Igarapé Agua Boa: pouco acima da Pratinha, na mesma margem do rio.

Lago da Cobra: lagôa ligada ao Paraná do Poção na margem direita do rio e afastado cerca de três quilômetros.

Paraná do Poção: braço do rio Mucajái, na margem direita e na mesma localidade, mas que seca durante a estação sem chuvas (verão local).

Poção: principal localidade; uma enseada do rio Mucajái, fazendo parte da Fazenda, no baixo rio e a meio caminho entre a foz desse rio e o principal afluente, o rio Apiaú. Coletamos em ambos os lados do rio, o direito florestado (Mun. de Caracarai) e a margem esquerda, campo com rala mata ciliar, as vezes interrompida (Mun. de Boa Vista).

Pratinha: fazenda, a cerca de meio dia de viagem de montaria (canoa), acima do Poção.

Santana: fazenda na margem direita do medio rio Urariqueuera. Não estivemos no local, sendo o exemplar adquirido.

Tipografia: fazenda proximo a Vila Pereira (= Surumú), cerca de 60 km sudoeste da vila, entre os rios Surumú e Parimé. Exemplares afoertados.

Tuapara: localidade no rio Mucajái, um dia e meio de viagem rio acima, próximo a embocadura do rio Apiaú; colecionado em ambas as margens.

LISTA E NOTAS

Philander opossum opossum (L., 1758). "Mucura xixica" (Nº 50). Ao contrário do que supõe SANDERSON (8), a forma quando muito pode ser considerada terreo-arboricola, posto que vivem tanto nas arvores como no solo. Nas árvores abrigam-se em ôcos atapetados de folhas, onde dormem durante o dia; á noite, caminham pelos troncos e ramos baixos e até mesmo no solo, buscando alimento e agua. Vivem tanto na mata como em áreas menos florestadas, sendo até mesmo muito freqüentes nas vizinhanças das habitações. São omnívoras, comendo o que lhes passe ao alcance, como pequenos vertebrados e frutos.

Quatro exemplares. 1 ♂, 1 ♀ ads., Poção, Mun. Caracarai; 1 ♂, 1 ♀ Poção, Mun. Boa Vista.

Didelphis m. marsupialis L., 1758. "Mucura" (Nº 49). Este marsupial é dos mais frequentes em qualquer região arborizada sendo encontrado em todas as coleções feitas. São como os anteriores de hábitos noturnos e arborícolas, visitando entretanto o solo em busca de alimento e agua. Sua cauda longa e nua é bastante usada para apoio nas árvores e equilibrio. Os ninhos são simples ôcos nus de arvores, sem qualquer tipo de revestimento, de onde saem á noite em busca de vegetais com frutos, além de pequenas aves ou mamíferos, como um verdadeiro predador. Nadam relativamente bem quando necessário.

Cinco indivíduos, 1 ♂, 1 ♀, Poçoão, Boa Vista; 1 ♂, 2 ♀ ♀ Paraná do Poçoão, Caracarai (as ♀ ♀ jovens).

Saccopteryx bilineata (Temm., 1825). "Morcêgo".

Dois exemplares. Poçoão, Boa Vista.

Noctilio l. leporinus (L., 1758).

Um exemplar, 1 ♀ ad., Pratinha, Boa Vista.

Myotis n. nigricans (Schinz, 1821).

Quinze exemplares (adultos e jovens), Poçoão, Boa Vista.

Pithecia satanas chiropotes (Humb., 1812). "Cuxiú" (Nº 41) São estes macacos tipicamente amazônicos e encontrados somente na mata densa, comumente aos pares ou pouco mais. Alimentam-se de folhagens e provavelmente frutos. Quando assustados dão um gritinho característico e fogem em velocidade.

Dois exemplares, 1 ♀ ad. Poçoão, Caracarai; 1 ♀ (c/feto), Tuapara, Caracarai.

Alouatta seniculus straminea (Humb., 1812). "Guariba da Guiana" (Nº 35). Esses guaribas ao contrario do que geralmente sucede, vivem dispersos na região, sendo comum encontrar indivíduos isolados ou aos casais. Possui o grupo normalmente uma área limitada de vida e cantam muito nelas, nas mais variadas ocasiões, inclusive á noite, sendo os grupos compostos de 4 a 7 exemplares de varias idades, reunidos a um macho adulto, o "capelão". Também no local sua alimentação constava de folhagens e frutos, o que parece não se dar com os espécimes de SANDERSON (8).

Três exemplares, 2 ♂ ♂, 1 ♀ ads., Poçoão (mata ciliar), Boa Vista.

Ateles belzebuth belzebuth E. Geoff., 1806. "Macaco preto" (Nº 45). Excetuando-se as notas de Sampaio (*in* COSTA, (3)), somente agora foram encontrados espécimes desse Coatá no Brasil, ampliando-se assim um pouco mais sua distribuição a leste em cêrca de 400 km. Até o momento apenas estava assinado nas nossas fronteiras: serra de Cucuí, na Venezuela (notas de viagem de Natterer) e em Iquitos, no Perú (4).

Habitam a mata densa, em bandos, visitando na época em que os vimos, as seguintes arvores e palmeiras: cajú (*Anacardium giganteum*) onde permanecem ás vezes durante a noite e a manhã seguinte cedo, o patauá (*Oenocarpus pataua*), e o inajá (anjá), *Maximiliana regia*. Encontramos o bando no cajueiro, com frutos sem semente e inteiros no estomago, além de sementes das palmeiras citadas.

Afirmam os moradores locais que a presente espécie habita somente a margem direita do rio. A outra forma (o Coatá, *Ateles paniscus* L.) parece ocorrer apenas no baixo rio Branco e afluentes, na mata hileana típica.

Três exemplares, 1 ♂, 2 ♀ ♀ ads., tuapara (mata), Caracarai.

Cebus n. nigrivittatus Wagner, 1848. "Cairara" (Nº 38). O bando de macacos Cairara ou caiarára, frequentava a área florestada da margem do rio, na

faixa de inundação, onde catava alimento, na época constando principalmente de gafanhotos (ort opteros), os quais procuravam atravessar o rio de uma a outra margem em quase nuvens. A cauda se bem que um tanto preensil na forma, não   muito usada, sendo comun enrodilhar na parte distal e usa-la mais como balancim nos saltos. Caminham desembaraçadamente s obre os troncos e ramas, frequentando tambem palmeiras com espinhos afim de lhes colher os frutos.

São os exemplares praticamente topot picos porquanto distam da localidade da forma de Wagner (*in MS.* de Natt.), c erca de 70 km.

Quatro exemplares, 2 ♂♂, 2 ♀♀ ads. Poção, e Tuapara (mata ciliar), Mun. Boa Vista.

Saimiri s. sciureus (L., 1758). "Boca preta" (N  39). Apesar de comuns no baixo rio Amazonas, s omente êste exemplar foi abatido na região onde parece não ser tão freqüente.

1 ♀ ad., Poção, Boa Vista.

Myrmecophaga t. tridactyla L., 1758. "Tamanduá bandeira" (N  13). Êste tamanduá ainda   bem freqüente nessa região, sendo visto nos campos, onde perambula de dia e   noite. Também são encontrados nas matas e capoeiras, onde catam alimento e se abrigam. Procuram-na mesmo ao serem perseguidos por seus inimigos comuns, após um verdadeiro trote pelos campos. Durante as horas mais quentes, vemo-los em repouso nos campos ou cap es, enroscados e com a cauda por sobre o corpo   guisa de cobertor.

Cinco exemplares, 1 ♀ ad., com jovem, Poção (capoeira suja), Caracarai; 4 outros vistos no campo, Boa Vista.

Tamandua longicaudata (Wagner, 1844). "Mambira" (N  15). Também êstes tamanduás são encontrados tanto no campo como nas matas sendo a nosso ver terreo-arboricolas em hábitos em vez de terrícolas apenas como pensava H. H. Smith (*in ALLEN*, (1)). Talvez como supõem TATE (9) e CABRERA (2) possamos separar as duas formas: *tetradactyla* e *longicaudata* pelos caracteres somáticos, mas não cremos muito fundamentado.

Seu alimento, como o da forma anterior consta principlamente de termitas ou cupins, os quais são procurados a noite ou mesmo durante as manhãs.

Dois exemplares. 1 ♀ ad., Poção, Boa Vista (na baixa); 1 outro visto no campo, Boa Vista.

Cabassous unicinctus (L., 1758). "Tat  branco" (N  21). As t cas ou buracos de tat s são encontrados geralmente na borda dos cap es de mata seca e nos campos, saindo os animais a noite a procura de alimento na mata. Também na mata podemos encontrar buracos.

Um exemplar ♀ ad., Poção, Boa Vista.

Dasyprocta aguti ssp. "Cutia" (N  20). As cutias preferem aqui os locais mais intrincados da mata e capoeiras, sendo  s vezes encontradas na vizinhança d'água, na mata. Como as pacas, embora em horários diferentes pois são crepus-

culares, são facilmente abatidas de espera nos comedouros, junto aos pés de palmeiras com frutos a cair, onde vêm procurar alimento.

Dois exemplares. 1 ♂ ad., Lago de Cobra, Caracarái; 1 ♀ ad., Poço (mata ciliar), Boa Vista.

Cuniculus p. paca (L., 1766). "Paca" (Nº 19). São bastante frequentes nas baixas da região e bordas dos córregos da região. Na época eram alimentadas principalmente pelos frutos de buriti que começavam a cair. São elas exclusivamente de hábitos noturnos, evitando mesmo as horas enluaradas.

Doze exemplares, 5 ♂♂, 3 ♀♀ ads., Poço e Bacabal, Boa Vista; 2 ♂♂, 2 ♀♀ ads., Paraná do Poço, Caracarái.

Hydrochoerus b. hydrochoerus (L., 1766). "Capivara" (Nº 18). No local são freqüentes, em bandos de 3 a 12 indivíduos, ou mesmo às vezes isoladamente (um caso). Vivem elas comumente em áreas campestres, embora seu refúgio natural sejam as zonas florestadas, onde se abrigam durante o dia. À noite procuram a vizinhança da água onde se banham, repousam, comunicam-se e catam alimento, o qual consta principalmente de gramíneas ribeirinhas e de canarana. Atualmente são pouco caçadas devido ao pequeno valor da pele e da carne como alimento, a qual segundo dizem no local adquire gosto desagradável em certas regiões.

As populações da margem direita, isto é, a mais florestada são não só mais acastanhadas em côr que os próprios indivíduos da margem esquerda, como do normal nas peles conhecidas.

Três exemplares, 1 ♂, enseada do Poço, Boa Vista; 2 ♂♂, Paraná e praia do Poço, Mun. de Caracarái.

Dactylomys d. dactylinus (Desm., 1817). "Cro-coró" (Nº 51) Estes ratos vivem em tabocais (Gramineæ), caminhando ágilmente pelos colmos deles durante às noites com extrema facilidade. Seus hábitos são idênticos aos do rato de bambú (*Kannabateomys amblyonyx*) das matas litorâneas do sul do Brasil, sendo mesmo equivalentes a êstes na região (MOOJEN, (6)). São êles freqüentes, e encontrados isoladamente, embora se comuniquem com os companheiros por meio de possante voz (gritos), a intervalos.

Dois exemplares, 1 ♂, 1 ♀ ads. Paraná do Poço, Caracarái.

Echimys armatus (I. Geoff., 1839). "Toró" (Nº 53).

Um exemplar ♂ ad., Paraná do Poço, Caracarái.

Proechimys g. guayannensis (E. Geoff., 1803). "Soiá" (Nº 52). Enquanto a forma anterior é arboricola em hábitos, êste é de solo, sendo na Amazônia facilmente apanhados em ratoeiras colocadas junto aos troncos ôcos e raízes escavadas.

Um ♂ ad., Poço (mata ciliar), Caracarái.

Nectomys squamipes cf. *melanius* Thos., 1910. "Rato d'água" (Nº 54). São êstes ratos próprios de regiões úmidas e proximidades de água, frequentando mesmo as margens de córregos e rios, onde o exemplar foi capturado.

Um exemplar (abatido a tiro), Tuapara, Caracarái.

Inia geoffrensis (Blainv., 1817). "Bôto pretinho" (Nº 57). São frequentes neste rio, como geralmente na Amazônia, mas difíceis de obter por uma serie de razões. Sempre os vimos aos pares ou isolados, na corrente ou em remansos, respirando forte ou fraco, com ou sem vapor de agua, uns enegrecidos, outros acinzentados ou ainda avermelhados, mas sempre emergindo as narinas, correndo um pouco sôbre a superficie, afundando e dobrando o corpo em arco, mostrando a aleta ou nadadeira dorsal para depois sumir completamente até novo aparecimento; ás vezes deixa um rastro de bolhas de ar na superficie. Apreciam a vizinhança de pescadores, tomando-lhes ás vezes o peixe do espinhel ou da linha; uma ocasião contudo lhe foi tomado o peixe das mandibulas ao colocar acima da superficie liquida e próximo a uma das margens da enseada.

Em outra ocasião vimos também um exemplar de tucuxi ao dobrar o corpo para o mergulho mostrar a cauda inteiriça fora d'agua como as baleias, aparecendo cêrca de 50 cm o que tem sido dito não acontecer. A diferença entre êles pode ser feita razoavelmente pelo tamanho do animal e forma da nadadeira dorsal, visto ser no *Inia* uma quase carena dorsal, longa e sub-triangular, enquanto no *Sotalia fluviatilis* (Gerv., 1855)*, ela é curta, alta e falcada. O "bico" é curto no segundo, e comumente vê-se em pequenas escolas (grupos) a rolar mais rápidamente, enquanto o *Inia* só ou aos pares. Os primeiros quando jovens são enegrecidos, daí ser chamado de pretinho, roxinho (roxo e negro para êles é quase a mesma coisa), adquirindo mais tarde a tonalidade normal mais pálida e avermelhada, daí o nome "bôto branco, vermelho ou malhado". *Sotalia* é sempre enegrecido no dorso. Reconhecem os pescadores três espécies, que seriam o tucuxi, o pretinho e o vermelho, na realidade duas formas sómente.

O exemplar de *Inia* obtido, já se encontrava em franca decomposição a boiar. No estômago entretanto colhemos poucos restos de peixes, gasterópodes, lamelibrânquios, penas de aves ribeirinhas e raizes de vegetais, os quais provávelmente são restos de conteúdo estomacal de peixes digeridos — embora acreditem alguns autores que seu congênera africano (*S. tesuszii* Kukenthal, 1892), seja herbívoro. Em outro exemplar arpoado mais tarde no baixo rio Amazonas (próximo a foz do Jamundá) encontramos diversos pequenos peixes inteiros na cavidade digestiva, medindo entre 7 a 12 cm e em maior número, piranhas.

Um exemplar ♀ ad. (esqueleto completo), Poção.

Cerdocyon t. thous (L., 1766). "Rapôsa" (Nº 17). São êstes animais comuns, vivendo nos lavrados do Territorio, onde perambulam isoladamente durante as horas mais amenas e mesmo á noite, usando muito como o fazem outros animais, trilhas já existentes, e até mesmo de veiculos. Andam bastante, desde que seu alimento está esparso, e é muitas vêzes variado (o conteúdo estomacal constava de roedores, aves, morcégos, lagartos e até mesmo cobras) dependendo é claro, da habilidade do caçador. Durante o dia se abrigam em termiteiros

(*) Cremos ser *Sotalia pallida* (Gerv., 1855) uma mistura de caracteres; a descrição e figura de um *Inia* não adulto e o cranio de um verdadeiro *Sotalia*.

(no local denominado tapicuim) escavados, ou fazem sua própria toca no solo. À noite perambulam ou andam em busca de alimento e do par, na época do acasalamento. Em fevereiro foram encontrados três jovens (1 ♂ e 2 ♀ ♀) num termiteiro, com apenas dias de nascidos (olhos fechados), e numa das fêmeas autopsiadas encontramos três fetos, o que indica fim da época dos amores na região. A voz desses canídeos é bastante tétrica, soando como que uma gargalhada ritmada dentro da noite, em vez do latido comum dos exemplares cativos do zoo de Belém. Observamos também nelas um caso de "morte simulada", para depois fugir em desabalada carreira, que chega mesmo a cerca de 45 km/h no campo (velocidade estimada pela perseguição com jipe).

Cinco exemplares. 2 ♂ ♂, 2 ♀ ♀ ads., Poção e Pratinha (campo), Boa Vista; 1 ♀ juv., Santana, Boa Vista.

Felis pardalis maripensis J. Allen, 1904. "Maracajá-açú" (Nº 9). Frequente, embora muito caçado. Usam, como outros felinos, diversos tipos de habitats para buscar seu alimento, geralmente em incursões prolongadas ou em paciente espera.

Dois exemplares. 1 ♂ ad., praia do Poção, Caracarai (esqueleto); 1 ♀ ad., Tipografia, SW de Surumú, Boa Vista (crânio).

Felis concolor cf. *discolor* Schebee, 1775. "Maçaroca" (Nº 6). É a onça vermelha pouco frequente na região, sendo ainda provável preferir habitat mais florestado.

Os crânios desses duas espécies não foram medidos por nós.

Dois exemplares, 1 ♂ ad., Tipografia, Boa Vista (crânio); 1 ♂ ad., Pratinha, Caracarai (só pele).

Leo onça ssp. "Onça pintada" (Nº 5 e 8). São as onças, animais frequentes na região, embora sempre cautelosas e noturnas em seus hábitos, além de andejas. Suas pegadas e locais de banho na areia dos córregos secos são comuns; preferem as capoeiras sujas que bordejam os campos e as matas ciliares, onde se abrigam. Costumam perambular vagarosamente pelas trilhas de outros animais, inclusive domésticos, bem como não se intimidam muito com a proximidade do homem. Quanto aos animais domésticos (bois e cavalos) parece que não os molestam muito desde que possuam alimento abundante, como roedores, porcos, veados ou mesmo cães, que muito apreciam. Embora comuns, poucos poderão dizer have-la visto, na mata.

Tres exemplares, 1 ♂, 1 ♀ ads. Tipografia, Boa Vista; 1 ♂ Pratinha, Caracarai (só crânios).

Pteronura b. brasiliensis (Zimm., 1780). "Ariaranha" (Nº 33). A espécie não está representada na coleção, mas foi vista na localidade. Como as lontras, estão condicionadas a presença de água. Vivem isoladas, aos pares ou em família, sempre nadando ou pescando, saindo vez por outra até as praias ou pedras, o que também o fazem para comer o pescado. Apesar de diurnas, são difíceis de obter, pois se lançam na água e afundam quando atiradas. Pouco freqüente, devido

ainda mais a intensa caça desordenada de que estão sendo alvo, movidos pelo preço vantajoso da pele, convidando mesmo ao extermínio da forma.

Um exemplar visto e não abatido. Paraná do Poção, Caracarai.

Trichechus inunguis (Pelz., 1883). "Vaca marinha" (Nº 56). É o peixe-boi (macho) ou vaca-marinha (fêmea), animal raro na região e muito perseguido. Uma fêmea arpoada no alto rio Branco, foi mais tarde morta no Poção (há anos) ainda com a cicatriz visível do arpão no corpo. Não recentemente representada em coleções.

Tapirus t. terrestris (L., 1758). "Anta" (Nº 1). As antas em todo o Brasil são objeto de intensa caça, principalmente para uso alimentar. Vivem elas normalmente isoladas, vagando durante a noite nas matas, chegando às vezes até aos campos, no dizer dos locais para pastar gramíneas. São animais inofensivos mas um tanto barulhentos na mata, onde chegam a fazer trilhas pela passagem constante no mesmo caminho, principalmente em direção a água. No local são frequentes, e vagam pela madrugada nos igapós, bebendo no rio, lagos e simples poças nos igarapés secos. São elas facilmente atraídas por quem as sabe imitar em seus assobios fortes.

Tres exemplares, 1 ♂ ad., Lago de Cobra; Caracarai; 2 outros cranios de Tuapara, Caracarai.

Tayassu p. pecari (Link, 1795). "Porcão" (Nº 28). Vivem os queixadas em bandos, vagando pela mata, e atravessando os rios que lhes interrompem seu caminho, como o próprio rio Mucajá (uns 100 metros de largo), o Xingú (cerca de 700 metros), etc. onde são facilmente abatidos, apesar de nadarem bem.

1 ♂ ad., Pratinha (mata ciliar, ao acabar de passar o rio). Boa Vista.

Mazama a. americana (Erxl., 1777) "Capoeira" (Nº 3). Nesta época do ano é o veado mateiro o mais freqüente, segundo os moradores, e pouco caçado no local. Embora de hábitos noturnos, na região e devido a intensa seca anual (mais forte este ano), vêm os mesmos diurnamente às praias e lagos á procura de água. Nesses locais alguns foram mortos.

Nove exemplares, 5 ♂ ♂, 4 ♀ ♀ ads. Poção (praia, capoeira e lago), Caracarai.

Odocoileus virginianus gymnotis (Wieg., 1833). "Veado galheiro ou embaúba" (Nº 2). Como outros cervideos neotrópicos, também os vimos isoladamente, ou com apenas um companheiro, provavelmente mais novo. Os três que vimos, pela manhã e á tardinha, estavam próximos ás baixas, descansando talvez, daí supormos serem seus hábitos mais crepusculares. Os rastros são bem frequentes, e numa caçada em Surumú, com cães e batedores, foram mortos 14 exemplares num único dia.

As galhadas diferem um tanto da única que possuímos do Território do Amapá, pelo achatamento lateral da haste principal, sendo a curvatura e a rugosidades da base bem variáveis no grupo. A presença ou não da glandula e tufo metatarsiano foi recentemente demonstrada ser de pouca importancia (HERSHKO-

VITZ (5)), embora a tivéssemos encontrado no exemplar; achamos contudo razoável conservar as formas do Rio Branco e do Amapá, como raças geográficas até obtenção de melhor material comparativo de ambos.

1 ♀ ad., cabeceiras do igarapé Pratinha, Boa Vista; 2 galhadas, sendo uma só do lado esquerdo, cabeceiras do igarapé Água Boa, Boa Vista; duas fêmeas foram vistas nos campos do Agua Boa.

AGRADECIMENTO

Aos senhores governador substituto e secretário geral Dr. Reinaldo Fernandes Neves, Durval de Magalhães e Jocelyn Rosa, ambos da Divisão de Produção Animal, bem como a diversos fazendeiros locais e conhecedores do Território, como os Srs. Homero de Souza Cruz e filhos, e Adolpho Brasil, deixamos aqui os nossos maiores agradecimentos pelo auxílio prestado e pelo oferecimento desinteressado do que era possível o bom andamento de nossos trabalhos no campo, sem o que na ocasião muito pouco poderíamos fazer.

RESUMEN

En este trabajo se presentan las observaciones recogidas en el Territorio Federal de Rio Branco y alrededores, en el extremo Norte del Brasil (Amazônia), con relación al habitat y costumbres de los mamíferos coleccionados en viajes por la región. Asimismo se hace una reseña histórica de las especies colectadas en la misma zona en épocas pasadas, por varios interesados. De esta colecta se considera a *Ateles b. belzebuth*, *Proechimys g. guayannensis* y *Dactylomys d. dactylinus* como los primeros ejemplares obtenidos en el país.

APENDICE

Lista dos mamíferos de autoria do bacharel Francisco Xavier Ribeiro Sampaio, Ouvidor e Intendente Geral da capitania de S. Joseph do Rio Negro, fazendo parte da "Relação geographica e historia do Rio Branco da America Portuguesa", enviada ao Conselho Ultramarino, e datada de 14 de julho de 1642 (*apud* COSTA, (3)).

Capítulo X, div. 1 — QUADRUPEDES.

- (1) Anta — o mais corpulento animal da America Meridional;
- (2) Veado grande de campina, com árvores;
- (3) " vermelho de mato, sem pontas;
- (4) " pequeno com ponta e sem ramos; *Mazama simplicifornis*
- (5) Onça malhada;
- (6) " vermelha;
- (7) " prata;
- (8) " de malhas grandes;

- (9 a 12) Maracajá ou onça pequena de 4 variedades (primeira: malhada com pontas das orelhas brancas; segunda: vermelha; terceira: preta; e a quarta, pintada com malhas miúdas (*));
- (13) Tamanduá-açú;
- (14) Tamanduá-í, *Cyclopes didactylus*
- (15 e 16) Tamanduá simples, com duas variedades: amarelo e preto;
- (17) Avará ou raposa;
- (18) Capivara ou porco d'água;
- (19) Paca, que se pode chamar a lebre americana;
- (20) Cutia, ou coelho americano;
- (21 a 23) Tatú, de três variedades;
- (24) Irara ou Papa mel, cinzento raiado de branco, o que é proprio as deste país; é uma espécie de fuinha.?
- (25 a 27) Acotipurú de três variedades; *Guerlinguetus* spp.
- (28 e 29) Taiassú e Taitetú, São duas espécies de porco montez americano;
- (30 e 31) Cuatí de duas espécies; *Nasua* spp.
- (32) Epené, cotia de rabo — propria do Rio Branco; *Myoprocta* spp.
- (33) Lontra. Cão montez. ?

MACACOS.

- (34 e 35) Guaribas preto e pardo;
- (36 e 37) Macaco prego grande e pequeno; *Cebus apella*
- (38) Caiarara;
- (39 e 40) Macaco de boca preta de duas variedades;
- (41) Cuxiú de grande topete e rabo felpudo;
- (42 e 43) Uaiapeçá, de duas variedades; *Callicebus* spp.
- (44 e 45) Cuatá de duas variedades, preto e cinzento (fubá);
- (46) Hiá, ou macaco noctambulo; *Aotes* sp.
- (47) Juparí, ou Macaco noctambulo de maior corpulencia; *Potos* sp.
- (48) Saguim, *Leontocebus midas*
- (49 e 50) Mucura de duas espécies;
- (51 ...) Ratos de diversas especies:

ANIMAIS AQUATICOS

- (56) Vaca marinha — Peixe boi — ou Manatí, que todos os três nomes se dão ao grande animal que significam; o qual não tem de peixe mais do que viver n'água; abundam nas vertentes e lagos do rio Branco;
- (57 e 58) Bôtos de duas espécies; *Inia* e *Sotalia*.

BIBLIOGRAFIA

1. ALLEN, J.
1904. Report on mammals from the District of Santa Marta, Colombia, col. by Mr. H. H. Smith, with field notes. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, N. Y., 20(35): 407-468.
2. CABRERA, A.
1957. Catálogo de los Mamíferos de América del Sur. *Rev. Mus. Argent. Cienc. Nat.*, C. Z., Buenos Aires, 4(1): 1-307.

(*) "Porque a onça vermelha e a malhada copulam mutuamente ou seja, macho e fêmea. Muitas vezes se vê uma onça com filhos malhados e outros vermelhos".

3. COSTA, C.
1949. *O vale do Rio Branco*. Imp. Nacional, Rio. pp. 183-214.
4. GOELDI, E., & G. HAGMANN.
1904. Prodrôme de um catalogo critico, comentado da coleção de mamíferos do Museu do Pará (1894-1903). *Bol. Mus. Goeldi*, Belem, 4(1): 38-122, c/9 figs.
5. HERSHKOVITZ, P.
1958. The metatarsal glands in White-tailed Deer and related forms of the Neotropical Region. *Mamm.*, Paris, 22(4): 437-546.
6. MOOJEN, J.
1952. *Os Roedores do Brasil*. Rio, I. N. Livro, ser. A, N° 2, Rio, 214 pp. e 35 prs.
7. PELZELN, A.
1883. *Brasilische Säugethiere*. Resultate von Johann Natterer's Reisen, in den Jahren 1817 bis 1835. Wien, band 33: 1-140.
8. SANDERSON, I.
1949. A brief review of the mammals of Suriname (Dutch Guiana), based upon a collection made in 1938. *Proc. Zool. Soc.*, London, pp. 755-788, c/7 figs. & 5 text-fig.
9. TATE, G. H.
1939. The Mammals of the Guiana Region. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, N. Y. 75(5): 151-229.

Fig. 2: Enseada do Poçoão, abaixo da ponta de areia (direita) e a margem alta florestada em galeria (canto esquerdo); atrás: margem direita do rio Mucajaí, vendo-se o curral no barranco, a praia e entrada do Panamá, mata e ao fundo parte da serra do Mucajaí (Serrinha, etc.).

Fig. 3: O bôto (*Inia geoffrensis*) na ponta do banco de areia ao lado, sendo mostrado o tipo de aleta dorsal.

